

PRESSUPOSTOS PARA A COMPREENSÃO DO PROCESSO DE LEITURA NA INTERNET: O HIPERTEXTO EM FOCO

ANA PAULA DOMINGOS BALADELI (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - UEM), ANAIR ALTOÉ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - UEM).

Resumo

As tecnologias da informação e comunicação (TICs) apresentam ao leitor novas possibilidades de acesso à informação, uma vez que, ao romper com a linearidade do texto impresso, o hipertexto reúne elementos verbais, não-verbais e imagéticos que podem contribuir para a compreensão da mensagem nele apresentada. Por incorporar elementos textuais e visuais, o hipertexto requer do leitor habilidades específicas que o auxiliem durante a navegação pelos nós comunicacionais (hyperlinks) mantendo o objetivo inicial da leitura. No caso da leitura em Língua Inglesa, esse processo torna-se mais complexo visto que exige do leitor conhecimento lingüístico para acionar os links e estratégias de leitura, para que consiga atribuir sentido ao que lê. Dessa forma, o presente trabalho apresenta algumas considerações sobre a especificidade da leitura em Língua Inglesa em ambiente virtual e discute a formação de leitores para esse gênero textual que emergiu com as tecnologias digitais. As reflexões aqui apresentadas tomam como base estudos realizados por KENSKI, 2000; VALENTE, 2002; MARCUSCHI, XAVIER, 2005; SANCHO, HERNANDEZ, 2006; ARAÚJO, 2007, que apontam a necessidade de redirecionar a formação de professores para que estes tenham condições de atuar criticamente com tecnologias e, conseqüentemente, orientar seus alunos, não só no desenvolvimento da habilidade da leitura, como na avaliação de fontes de informação na Internet.

Palavras-chave:

leitura, língua inglesa, hipertexto.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação – TIC, atrelada à revolução que as mesmas provocam na dinâmica social, transforma a base produtiva, a formação e a concepção de trabalho, bem como o processo de interação entre as pessoas (KENSKI, 2003).

A partir da abertura comercial da Internet em meados de 1995 novos canais de acesso à informação e à comunicação em tempo real (síncrona) ou não (assíncrona) foram criados. A mediação proporcionada pela rede mundial de computadores permite, além do encurtamento das distâncias físicas, a criação de novas concepções de trabalho, de ensino e de aprendizagem.

Em decorrência da ampliação do uso da Internet, novos discursos em diferentes gêneros textuais surgem com essa mídia, dado que modifica a forma como se realiza a interação e a comunicação entre as pessoas. Fato que pode ser constatado pelo crescente volume de pessoas que interagem e se comunicam utilizando espaços como salas de bate-papo, *blogs*, e-mail, fóruns, *twitter*, orkut, lista de discussão e grupos, entre outros que surgem na rede.

As tecnologias da informação e comunicação modificam a dinâmica de interação entre as pessoas, bem como a maneira como a informação é armazenada, processada e divulgada, o que amplia o uso desses recursos em diferentes setores da sociedade (VALENTE, 2002, KENSKI, 2003). Nessas circunstâncias, os processos de leitura e de escrita tendem a adaptar-se aos moldes de uma mídia que consiste no espaço interativo e colaborativo por excelência - a Internet.

O interesse pela modalidade de leitura em ambiente virtual se insere no cenário de ampliação do uso de recursos como computador e Internet em diferentes espaços sociais, sobretudo na educação. A rede mundial de computadores disponibiliza diferentes espaços para ocorrência da leitura e da escrita. Todavia, nesses mesmos espaços em que há grande volume de informação e conteúdos, constatam-se transformações no uso da escrita e da leitura, que tendem a atenderem a especificidade requerida pela mídia. Devido à conectividade promovida pelos *hyperlinks* - nós comunicacionais - segundo Pierre Lévy (1993, 1996), a atividade de leitura no espaço virtual difere da leitura convencional realizada em material impresso, uma vez que por meio dos *links* muita informação pode ser acessada a partir de um único texto fonte. Essa natureza não-linear em que se apresenta o hipertexto possibilita a conexão entre textos, imagens, arquivos outros que podem tanto potencializar quanto prejudicar o processo de leitura, que tende a tornar-se fragmentado e desconexo. Diante disso, a compreensão do processo de leitura do hipertexto apresenta-se como um desafio ao ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, uma vez que, na rede, a atividade de leitura em língua estrangeira requer determinadas habilidades do leitor como a pesquisa, seleção e recontextualização das informações.

A construção de sentidos na leitura quer seja em ambiente virtual ou impresso requer do leitor conhecimento sobre o código (palavra) e também conhecimento sobre o tema a ser lido. Na concepção de leitura aqui adotada, a atividade de leitura supera a decodificação. Leitura para os limites deste trabalho é concebida como um processo de representação da realidade, processo esse que é

mediado por diferentes elementos visuais que compõem o processo de construção de sentidos. Conforme Leffa, “o texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento prévio que possui do mundo” (LEFFA, 1996: 14).

Para professores e alunos a leitura no ambiente virtual da Internet consiste numa atividade desafiadora, isso porque requer alguns cuidados, justamente pela não-linearidade das informações disponíveis. O desafio de ler na Internet está no fato das conexões realizadas pelo leitor poderem levá-lo a uma infinidade de outros blocos de informações fragmentadas. Sendo assim, para um leitor inexperiente, a navegação nesse tipo de suporte pode tornar-se confusa e a construção de conhecimento mais complexa, pois, não há um começo e fim para o texto. Conforme (LÉVY, 1993), o conceito de interface nas tecnologias digitais está associado ao contato de elementos heterogêneos, um *link* que conduz a um vídeo e depois a uma notícia de jornal representa essa interface. “A palavra interface designa um dispositivo que garante a comunicação entre dois sistemas informáticos distintos ou um sistema informático e uma rede de comunicação” (LÉVY, 1993: 176).

Quando o leitor inexperiente navega na rede à procura de informação e segue clicando em todas as conexões disponíveis no texto, em muitos casos, distancia-se do objetivo inicial da leitura. Isso porque, através dos links, é conduzido a um emaranhado de informações disponíveis em diferentes formatos que nem sempre são de seu interesse. Nesse sentido, a leitura que se realiza em um hipertexto se diferencia da leitura realizada em material impresso visto que, segundo Kenski (Kenski, 2003):

[...] o hipertexto nem sempre é um texto em seu sentido original, e sim um caminho para a informação. Os recursos que a informática utiliza para construir esse caminho são os mais variados: animação, desenho, som, filmes, caminhos de navegação por uma página da Internet, vídeo e teleconferência em tempo real, simulações, jogos, separados ou mixados ao mesmo tempo (p. 62).

Segundo Marcuschi (2005), ainda que o ambiente virtual da Internet possibilite a interface entre textos, imagens e sons, a Internet na condição de suporte para atividades de linguagem, tem na escrita o seu principal recurso. Se por um lado, a escrita prevalece no ambiente virtual, por outro, a sua constituição tende a adaptar-se para atender à especificidade do texto que se materializa na tela do computador. Diante disso, todo hipertexto se configura a partir das escolhas realizadas pelo leitor, a cada novo *link*, um novo elo entre as informações é realizado, a cada elo, um novo texto.

O hipertexto consiste em “[...] uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2005: 171).

Segundo Ribeiro (2009) o hipertexto foi conceituado por Theodore Nelson em meados de 1960, naquela época, o propósito do conceito de hipertexto era representar um modelo de leitura e escrita personalizado, que se realizasse único para cada leitor.

Conceituar o hipertexto não consiste em uma tarefa simples, até porque, muitos pesquisadores de diferentes orientações (LÉVY, 1993; XAVIER, 2005; MARCUSCHI, 2005; RIBEIRO, 2009) têm tentado compreender a natureza e as propriedades que compõem o hipertexto. Dado incontestemente entre as pesquisas sobre o tema, a partir do rompimento com a linearidade do texto convencional, o chamado hipertexto quer seja em sua versão impressa ou digital, inaugura novas tendências para o processo de leitura (RIBEIRO, 2009). Segundo Xavier (2005):

[...] o hipertexto exige do seu usuário muito mais que mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata. Aliás, qualquer leitura proficiente de um texto impresso tradicional leva sempre o leitor a lançar mão de seus conhecimentos enciclopédicos, cobra-lhe intenso esforço de atos inferenciais, preenchimentos de lacunas e interstícios deixados pelo autor [...] (p. 172).

Sendo assim, a leitura nesse suporte requer conhecimento sobre sua natureza hipertextual e, portanto híbrida, justamente pela convergência entre diferentes gêneros textuais e tipos de recursos quais sejam vídeo, áudio, imagens, textos e outros *links* que são acessados ao longo da leitura. O computador permite essa convergência entre diferentes linguagens e recursos semióticos, o que provoca alteração na atividade de leitura que tende a constituir-se em uma experiência única e sinestésica que se concretiza diferente para cada leitor (KENSKI, 2003; XAVIER, 2005).

Navegar e ler nas páginas da Internet não é tarefa fácil. O emaranhado de informações que se apresentam entrelaçadas por meio dos *hiperlinks* abrem ao leitor muitas possibilidades de construção de sentido do texto. Para Leffa (1996), durante o processo de leitura, quer seja em ambiente virtual ou impresso, leitor e texto interagem num processo constante de negociação de significado, tanto no aspecto sintático quanto semântico. Ainda seguindo a concepção de leitura como atividade de interação entre leitor e texto, a todo novo acesso ao texto, a cada nova leitura há uma nova construção de significado. Para Leffa (Leffa, 1996):

O leitor precisa possuir além das competências fundamentais para o ato da leitura, a intenção de ler. Essa intenção pode ser caracterizada como uma necessidade que precisa ser satisfeita, a busca de um equilíbrio interno ou a tentativa de colimação de um determinado objetivo em relação a um determinado texto (p. 17).

Conforme (LÉVY, 1996), no hipertexto, o ponto de partida ou o texto fonte não representa necessariamente o começo do texto, até porque, na rede, as conexões são realizadas pelos leitores seguindo o seu interesse e intuição. Em outras palavras, o que para um leitor representa o ponto de partida, para outro, pode significar o ponto de chegada da sua leitura, diferente do que ocorre no processo convencional de leitura no material impresso. Ainda que no material impresso o leitor possa buscar em notas de rodapé e glossários maiores informações sobre o que lê, é no ambiente virtual que o leitor participa ativamente também como co-produtor do texto. Isso porque, cada leitura se constitui em uma produção textual única. Segundo (LÉVY, 1996):

Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa podem ser incorporados à estrutura mesma do corpus. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita (p. 46).

LEITURA EM LÍNGUA INGLESA NA REDE

Em se tratando de Língua Inglesa como língua estrangeira, o processo de leitura de hipertexto requer mais do leitor, até porque, as possíveis conexões do texto com outras interfaces podem tanto colaborar para a construção de sentido quanto dispersar o leitor do seu propósito inicial.

No processo de leitura de hipertexto em língua estrangeira essa atividade torna-se mais complexa uma vez que, o leitor ao acionar *links* ao longo do texto encontra diferentes informações disponíveis em blocos fragmentados que aparentemente não se relacionam entre si. Entretanto, essas novas informações acessadas pelos *links* podem colaborar para a compreensão do texto, na medida em que o nível de proficiência no idioma apresentado pelo leitor o possibilitar compreender e selecionar as informações encontradas. Caso contrário, as

informações acessadas não farão sentido visto que são encontradas dificuldades na compreensão do idioma. Dessa forma, a falta de conhecimento lexical pode interferir na leitura e na navegação a ponto de limitar a compreensão do texto, até porque, cada informação encontrada em um novo *link* acionado se não compreendida no seu contexto pode prejudicar o processo de construção de significado do leitor. Sendo assim, o hipertexto pela perspectiva interacionista de leitura se caracteriza como uma relação dialética em que o leitor e texto interagem mutuamente. “O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação” (KOCK, 2007: 11).

Nesse sentido, a formação de leitores quer seja em língua estrangeira ou não, requer o desenvolvimento de competências que perpassam a capacidade de recontextualizar as informações, perícia para confrontar as informações relevantes e capacidade de selecionar fontes confiáveis de informação disponíveis na rede. Segundo Lévy (1996), o leitor ao navegar na Internet deve desenvolver estratégias que lhe permitam ao longo das conexões realizar ações como:

<!--[if !supportEmptyParas]-->

[...] hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre essas zonas, conectar o texto a outros documentos, arrima-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele se destaca e ao qual remete, são outras tantas funções do hipertexto informático (p. 37).

<!--[if !supportEmptyParas]-->

Tendo em vista a disposição fragmentada em que as informações são dispostas, torna-se necessário que o leitor seja formado para essa nova modalidade de leitura que requer competência para selecionar a informação tornando-a em unidades significativas para a construção de sentido. Segundo (SANCHO, 2006), ainda que muitas pessoas tenham acesso a um grande volume de informações e conteúdos na Internet, o desenvolvimento de competências específicas para convertê-las em conhecimento supera o paradigma de reprodução de conhecimento. Para esse autor (SANCHO, 2006):

<!--[if !supportEmptyParas]-->

Quem considera que a aprendizagem se baseia na troca e na cooperação, no enfrentamento de riscos, na elaboração de hipóteses, no contraste, na

argumentação, no reconhecimento do outro e na aceitação da diversidade vê nos sistemas informáticos, na navegação pela informação e na ampliação da comunicação com pessoas e instituições geograficamente distantes a resposta às limitações do espaço escolar (p. 21).

<!--[if !supportEmptyParas]-->

O ensino de Língua Inglesa precisa contemplar a leitura de diferentes gêneros textuais inclusive dos que emergem com as tecnologias da informação e comunicação. Isso porque, as mesmas dificuldades apresentadas pelo leitor no processo tradicional de leitura são encontradas no processo de leitura no ambiente virtual, porém agravadas pela não-linearidade do hipertexto e pela fragmentação em que as informações são disponibilizadas.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

<!--[if !supportEmptyParas]-->

CONSIDERAÇÕES FINAIS

<!--[if !supportEmptyParas]-->

<!--[if !supportEmptyParas]-->

As propriedades interativas do hipertexto reúnem elemento verbal, não-verbal e imagético que podem contribuir para a construção de sentido do texto. Por incorporar elementos textual e visual, a leitura do hipertexto requer do leitor habilidades específicas que o auxiliem durante a construção do texto ao navegar pelos *hyperlinks*. Em específico, durante a leitura em Língua Inglesa, o processo de construção de significado depende do nível de proficiência no idioma e das recontextualizações que o leitor realiza a cada novo bloco de informação acessado. Além do conhecimento lexical e textual, do leitor virtual é requerido o desenvolvimento de um conjunto de habilidades e estratégias para realizar a leitura nessa mídia interativa.

O desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação apresenta-se como suportes e ferramentas de aprendizagem que ainda precisam ser desbravados por professores e alunos. Até porque, “com a rede, abrem-se imensas fronteiras que ainda necessitam ser exploradas e compreendidas pelos professores e educandos num trabalho compartilhado” (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008: 69).

A formação de ambos - professor e aluno, para o uso da informática torna-se um requisito para a educação na contemporaneidade que prevê uma ação

conjunta de professores e alunos em um trabalho intelectual colaborativo e interativo com tecnologias. “Uma das características importantes do trabalho com o computador é que o professor e o aluno podem engajar-se em uma verdadeira colaboração intelectual [...]” (ALTOÉ, 2008: 209). Indubitavelmente, as tecnologias da informação e comunicação representadas pelo computador e pela Internet, ampliam os canais para comunicação, intercâmbio, colaboração e interação entre as pessoas, além do que provocam o surgimento de novos discursos (XAVIER, 2005).

Nesse sentido, ao longo das leituras e reflexões aqui apresentadas, objetivou-se promover o debate sobre a especificidade da atividade de leitura em ambiente virtual. Apresentamos aqui algumas proposições que indicam a necessidade de pensar a formação de sujeitos para atuação e interação com as tecnologias da informação e comunicação que cada vez conquistam novos espaços.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

<!--[if !supportEmptyParas]-->

REFERÊNCIAS

<!--[if !supportEmptyParas]-->

<!--[if !supportEmptyParas]-->

ALTOÉ, Anair. O professor em atuação no ambiente informatizado. In: ALTOÉ, Anair (org). Temas de educação contemporânea. Cascavel: Edunioeste, 2008. p. 199-212.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

BRITO, Gláucia da S; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. Educação e novas tecnologias: um re-pensar. Curitiba: Ibpe, 2008. 139 p.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

KENSKI, Vani M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

KOCK, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. Ler e compreender: os sentidos do texto. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

LEFFA, Wilson J. Aspectos da leitura. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

LÉVY, Pierre. O que é virtual? Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A C. (org) Hipertexto e gêneros digitais. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-68.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

RIBEIRO, Ana Elisa. Navegar lendo, ler navegando. Notas sobre a leitura de jornais impressos e digitais. Belo Horizonte: Interditado, 2009.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

SANCHO, Juana M. De tecnologias da informação e comunicação a recursos educativos In: SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F. Tecnologias para transformar a educação. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

XAVIER, Antonio C. Leitura, texto e hipertexto In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A C. (org) Hipertexto e gêneros digitais. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

VALENTE, José A. Uso da internet em sala de aula. Educar, Curitiba, n. 19. 2002. Editora da UFPR. p. 131-146.

<!--[if !supportEmptyParas]-->

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação – TIC, atrelada à revolução que as mesmas provocam na dinâmica social, transforma a base produtiva, a formação e a concepção de trabalho bem como o processo de interação entre as pessoas (KENSKI, 2003).

A partir da abertura comercial da Internet em meados de 1995 novos canais de acesso à informação e à comunicação em tempo real (síncrona) ou não (assíncrona) foram criados. A mediação proporcionada pela rede mundial de computadores permite além do encurtamento das distâncias físicas a criação de novas concepções de trabalho, de ensino e de aprendizagem.

Em decorrência da ampliação do uso da Internet surgem novos discursos em diferentes gêneros textuais surgem com essa mídia, dado, que modifica a forma como se realiza a interação e a comunicação entre as pessoas. Fato que pode ser constatado pelo crescente volume de pessoas que interagem e se comunicam utilizando espaços como salas de bate-papo, *blogs*, e-mail, fóruns, *twitter*, orkut, lista de discussão, e-grupos entre outros que surgem na rede.

As tecnologias da informação e comunicação modificam a dinâmica de interação entre as pessoas bem como a maneira como a informação é armazenada, processada e divulgada, o que amplia o uso desses recursos em diferentes setores da sociedade (VALENTE, 2002, KENSKI, 2003). Nessas circunstâncias, os processos de leitura e de escrita tendem a adaptar-se aos moldes de uma mídia que consiste no espaço interativo e colaborativo por excelência - a Internet.

O interesse pela modalidade de leitura em ambiente virtual se insere no cenário de ampliação do uso de recursos como computador e Internet em diferentes espaços sociais, sobretudo na educação. A rede mundial de computadores disponibiliza diferentes espaços para ocorrência da leitura e da escrita. Todavia, nesses mesmos espaços em que há grande volume de informação e conteúdos, constata-se transformações no uso da escrita e da leitura, que tendem a atenderem a especificidade requerida pela mídia. Devido à conectividade promovida pelos *hyperlinks* - nós comunicacionais segundo Pierre Lévy (1993, 1996), a atividade de leitura no espaço virtual difere da leitura convencional realizada em material impresso uma vez que por meio dos *links* muita informação pode ser acessada a partir de um único texto fonte. Essa natureza não-linear em que se apresenta o hipertexto possibilita a conexão entre textos, imagens, arquivos outros que podem tanto potencializar quanto prejudicar o processo de leitura, este que tende a tornar-se fragmentado e desconexo. Diante disso, a compreensão do processo de leitura do hipertexto apresenta-se como um desafio ao ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, uma vez que na rede, a atividade de leitura em língua estrangeira requer determinadas habilidades do leitor, como a pesquisa, seleção e recontextualização das informações.

A construção de sentidos na leitura quer seja em ambiente virtual ou impresso requer do leitor conhecimento sobre o código (palavra) e também conhecimento sobre o tema a ser lido. Na concepção de leitura aqui adotada, a atividade de leitura supera a decodificação. Leitura para os limites deste trabalho é concebida como um processo de representação da realidade, processo este que é mediado por diferentes elementos visuais que compõem o processo de construção de sentidos. Conforme Leffa, “o texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento prévio que possui do mundo” (LEFFA, 1996, p. 14).

Para professores e alunos a leitura no ambiente virtual da Internet consiste numa atividade desafiadora isso porque, requer alguns cuidados, justamente pela não-linearidade das informações disponíveis. O desafio de ler na Internet está no fato das conexões realizadas pelo leitor poderem levá-lo a uma infinidade de outros blocos de informações fragmentadas. Sendo assim, para um leitor inexperiente, a navegação nesse tipo de suporte pode tornar-se confusa e a construção de conhecimento mais complexa, pois, não há um começo e fim para o texto. Conforme (LÉVY, 1993), o conceito de interface nas tecnologias digitais está associado ao contato de elementos heterogêneos, um *link* que conduz a um vídeo e depois a uma notícia de jornal representa essa interface. “A palavra interface designa um dispositivo que garante a comunicação entre dois sistemas informáticos distintos ou um sistema informático e uma rede de comunicação” (LÉVY, 1993, p. 176).

Quando o leitor inexperiente navega na rede à procura de informação e segue clicando em todas as conexões disponíveis no texto em muitos casos distancia-se do objetivo inicial da leitura. Isso porque, através dos links é conduzido a um emaranhado de informações e disponíveis em diferentes formatos que nem sempre são de seu interesse. Nesse sentido, a leitura que se realiza em um hipertexto se diferencia da leitura realizada em material impresso visto que,

[...] o hipertexto nem sempre é um texto em seu sentido original, e sim um caminho para a informação. Os recursos que a informática utiliza para construir esse caminho são os mais variados: animação, desenho, som, filmes, caminhos de navegação por uma página da Internet, vídeo e teleconferência em tempo real, simulações, jogos, separados ou mixados ao mesmo tempo (KENSKI, 2003, p. 62).

Segundo Marcuschi (2005), ainda que o ambiente virtual da Internet possibilite a interface entre textos, imagens e sons, a Internet na condição de suporte para atividades de linguagem, tem na escrita o seu principal recurso. Se por um lado, a escrita prevalece no ambiente virtual, por outro, a sua constituição tende a adaptar-se para atender à especificidade do texto que se materializa na tela do computador. Diante disso, todo hipertexto se configura a partir

das escolhas realizadas pelo leitor, a cada novo *link*, um novo elo entre as informações é realizado, a cada elo, um novo texto.

O hipertexto consiste em “[...] uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2005, p.171).

Segundo Ribeiro (2009) o hipertexto foi conceituado por Theodore Nelson em meados de 1960, naquela época, o propósito do conceito de hipertexto era representar um modelo de leitura e escrita personalizado, que se realizasse único para cada leitor.

Conceituar o hipertexto não consiste em uma tarefa simples, até porque, muitos pesquisadores de diferentes orientações (LÉVY, 1993; XAVIER, 2005; MARCUSCHI, 2005; RIBEIRO, 2009) têm tentado compreender a natureza e as propriedades que compõem o hipertexto. Dado incontestado entre as pesquisas sobre o tema, a partir do rompimento com a linearidade do texto convencional, o chamado hipertexto quer seja em sua versão impressa ou digital, inaugura novas tendências para o processo de leitura (RIBEIRO, 2009).

[...] o hipertexto exige do seu usuário muito mais que mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata. Aliás, qualquer leitura proficiente de um texto impresso tradicional leva sempre o leitor a lançar mão de seus conhecimentos enciclopédicos, cobra-lhe intenso esforço de atos inferenciais, preenchimentos de lacunas e interstícios deixados pelo autor [...] (XAVIER, 2005, p. 172).

Sendo assim, a leitura nesse suporte requer conhecimento sobre sua natureza hipertextual e, portanto híbrida, justamente pela convergência entre diferentes gêneros textuais e tipos de recursos quais sejam vídeo, áudio, imagens, textos e outros *links* que são acessados ao longo da leitura. O computador permite essa convergência entre diferentes linguagens e recursos semióticos, o que provoca alteração na atividade de leitura que tende a constituir-se em uma experiência única e sinestésica que se concretiza diferente para cada leitor (KENSKI, 2003; XAVIER, 2005).

Navegar e ler nas páginas da Internet não é tarefa fácil. O emaranhado de informações que se apresentam entrelaçadas por meio dos *hiperlinks* abrem ao leitor muitas possibilidades de construção de sentido do texto. Para Leffa (1996), durante o processo de leitura, quer seja em ambiente virtual ou impresso, leitor e texto interagem num processo constante de negociação de significado tanto no aspecto sintático quanto semântico. Ainda seguindo a concepção de leitura como atividade de interação entre leitor e texto, a todo novo acesso ao texto, a cada nova leitura há uma nova construção de significado.

O leitor precisa possuir além das competências fundamentais para o ato da leitura, a intenção de ler. Essa intenção pode ser caracterizada como uma necessidade que precisa ser satisfeita, a busca de um equilíbrio interno ou a tentativa de colimação de um determinado objetivo em relação a um determinado texto (LEFFA, 1996, p. 17).

Conforme (LÉVY, 1996), no hipertexto, o ponto de partida ou o texto fonte não representa necessariamente o começo do texto, até porque, na rede as conexões são realizadas pelos leitores seguindo o seu interesse e intuição. Em outras palavras, o que para um leitor representa o ponto de partida, para outro, pode significar o ponto de chegada da sua leitura, diferente do que ocorre no processo convencional de leitura no material impresso. Ainda que no material impresso o leitor possa buscar em notas de rodapé e glossários maiores informações sobre o que lê, é no ambiente virtual que o leitor participa ativamente também como co-produtor do texto. Isso porque, cada leitura se constitui em uma produção textual única.

Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa podem ser incorporados a estrutura mesma do corpus. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita (LÉVY, 1996, p. 46).

LEITURA EM LÍNGUA INGLESA NA REDE

Em se tratando de Língua Inglesa como língua estrangeira, o processo de leitura de hipertexto requer mais do leitor, até porque, as possíveis conexões do texto com outras interfaces podem tanto colaborar para a construção de sentido quanto dispersar o leitor do seu propósito inicial.

No processo de leitura de hipertexto em língua estrangeira essa atividade torna-se mais complexa uma vez que, o leitor ao acionar *links* ao longo do texto encontra diferentes informações disponíveis em blocos fragmentados que aparentemente não se relacionam entre si. Entretanto, essas novas informações acessadas pelos *links* podem colaborar para a compreensão do texto na medida em que o nível de proficiência no idioma apresentado pelo leitor o possibilita, compreender e selecionar as informações encontradas. Caso contrário, as informações acessadas não farão sentido visto que são encontradas dificuldades na compreensão do idioma. Dessa forma, a falta de conhecimento lexical pode interferir na leitura e na navegação a ponto de limitar a compreensão do texto, até porque, cada informação encontrada em um novo *link* acionado se não compreendida no seu contexto pode prejudicar o processo de construção de

significado do leitor. Sendo assim, o hipertexto pela perspectiva interacionista de leitura se caracteriza como uma relação dialética em que o leitor e texto interagem mutuamente. “O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação” (KOCK, 2007 p.11).

Nesse sentido, a formação de leitores quer seja em língua estrangeira ou não, requer o desenvolvimento de competências que perpassam a capacidade de recontextualizar as informações, perícia para confrontar as informações relevantes e capacidade de selecionar fontes confiáveis de informação disponíveis na rede. Segundo Lévy (1996), o leitor ao navegar na Internet deve desenvolver estratégias que o permitam ao longo das conexões realizar ações como

[...] hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre essas zonas, conectar o texto a outros documentos, arrima-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele se destaca e ao qual remete, são outras tantas funções do hipertexto informático (LÉVY, 1996, p. 37).

Tendo em vista a disposição fragmentada em que as informações são dispostas, torna-se necessário que o leitor seja formado para essa nova modalidade de leitura que requer competência para selecionar a informação tornando-na em unidades significativas para a construção de sentido. Segundo (SANCHO, 2006), ainda que muitas pessoas tenham acesso a um grande volume de informações e conteúdos na Internet, o desenvolvimento de competências específicas para convertê-las em conhecimento superando o paradigma de reprodução de conhecimento.

Quem considera que a aprendizagem se baseia na troca e na cooperação, no enfrentamento de riscos, na elaboração de hipóteses, no contraste, na argumentação, no reconhecimento do outro e na aceitação da diversidade vê nos sistemas informáticos, na navegação pela informação e na ampliação da comunicação com pessoas e instituições geograficamente distantes a resposta às limitações do espaço escolar (SANCHO, 2006, p. 21).

O ensino de Língua Inglesa precisa contemplar a leitura de diferentes gêneros textuais inclusive dos que emergem com as tecnologias da informação e comunicação. Isso porque, as mesmas dificuldades apresentadas pelo leitor no processo tradicional de leitura são encontradas no processo de leitura no ambiente virtual, porém agravadas pela não-linearidade do hipertexto e pela fragmentação em que as informações são disponibilizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propriedades interativas do hipertexto reúnem elemento verbal, não-verbal e imagético que podem contribuir para a construção de sentido do texto. Por incorporar elementos textual e visual, a leitura do hipertexto requer do leitor habilidades específicas que o auxiliem durante a construção do texto ao navegar pelos *hyperlinks*. Em específico, durante a leitura em Língua Inglesa, o processo de construção de significado depende do nível de proficiência no idioma e das recontextualizações que o leitor realiza a cada novo bloco de informação acessado. Além do conhecimento lexical e textual, do leitor virtual é requerido o desenvolvimento de um conjunto de habilidades e estratégias para realizar a leitura nessa mídia interativa.

O desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação apresenta-se como suportes e ferramentas de aprendizagem que ainda precisam ser desbravados por professores e alunos. Até porque, “com a rede, abrem-se imensas fronteiras que ainda necessitam ser exploradas e compreendidas pelos professores e educandos num trabalho compartilhado” (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, p. 69).

A formação de ambos - professor e aluno, para o uso da informática torna-se um requisito para a educação na contemporaneidade que prevê uma ação conjunta de professores e alunos em um trabalho intelectual colaborativo e interativo com tecnologias. “Uma das características importantes do trabalho com o computador é que o professor e o aluno podem engajar-se em uma verdadeira colaboração intelectual [...]” (ALTOÉ, 2008, p. 209). Indubitavelmente, as tecnologias da informação e comunicação representadas pelo computador e pela Internet, ampliam os canais para comunicação, intercâmbio, colaboração e interação entre as pessoas, além do que, provocam o surgimento de novos discursos (XAVIER, 2005).

Nesse sentido, ao longo das leituras e reflexões aqui apresentadas, objetivou-se promover o debate sobre a especificidade da atividade de leitura em ambiente virtual. Apresentamos aqui algumas proposições que indicam a necessidade de pensar a formação de sujeitos para atuação e interação com as tecnologias da informação e comunicação que cada vez conquistam novos espaços.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, Anair. O professor em atuação no ambiente informatizado. In: ALTOÉ, Anair (org). Temas de educação contemporânea. Cascavel: Edunioeste, 2008. p. 199-212.

BRITO, Gláucia da S; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. Educação e novas tecnologias: um repensar. Curitiba: Ibpex, 2008. 139 p.

KENSKI, Vani M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

KOCK, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. Ler e compreender: os sentidos do texto. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LEFFA, Vilson J. Aspectos da leitura. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. O que é virtual? Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A C. (org) Hipertexto e gêneros digitais. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-68.

RIBEIRO, Ana Elisa. Navegar lendo, ler navegando. Notas sobre a leitura de jornais impressos e digitais. Belo Horizonte: Interditado, 2009.

SANCHO, Juana M. De tecnologias da informação e comunicação a recursos educativos In: SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F. Tecnologias para transformar a educação. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

XAVIER, Antonio C. Leitura, texto e hipertexto In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A C. (org) Hipertexto e gêneros digitais. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

VALENTE, José A. Uso da internet em sala de aula. Educar, Curitiba, n. 19. 2002. Editora da UFPR. p. 131-146.